

Resenha ao livro de Jonh Reed "Dez dias que abalaram o mundo"



Lev Semionovitch Vigotski

Traduções Voluntárias Nº 2



Arquivos digitais

Resenha do livro de John Reed
“Dez dias que abalaram o mundo”^{*1}
L. S. Vigotski
(1923)

Este livro, o relato mais preciso da Revolução de Outubro², foi escrito pelo americano John Reed³. No prólogo, N. Krupskaja⁴ diz: “Os russos escrevem sobre a Revolução de Outubro de um modo diferente: descrevem os episódios nos quais estiveram envolvidos ou fazem uma avaliação da mesma. O livro de Reed mostra um quadro geral de uma genuína revolução popular”. Aí reside, precisamente, a força do livro. Comunica acontecimentos que todos conhecem muito bem. Não faz um esboço de algo particular, extremamente colorido, nem narra detalhes chamativos. Comunica precisamente aquilo que é típico de uma revolução, aquilo que, para seus contemporâneos e, ainda mais, para seus descendentes é o mais reservado: o estado de ânimo das massas, a reação contra um passado que torna compreensível cada ato da revolução. Um historiador ou autor de memórias não podem recriar esta atmosfera anímica – somente um artista. E em sua escrita John Reed se mantém como tal todo tempo, mas não um artista que lida com a fantasia, e sim com a verdade. Além de ser um relato fiel dos eventos e acontecimentos, este livro é também uma composição muito complexa e sutil de cenas, diálogos, descrições, narrações: se lê como a um romance.

“Um grupo de bolcheviques, Lenin e Trotski fizeram a revolução”⁵; assim pensa, em maior ou menor medida, infelizmente até hoje, não apenas o inimigo da revolução mas também o desinformado. Queira ou não, estes exageram quanto ao papel de quem

* Tradução para fins didáticos de: “Vigotski, L. S. (1923/1988) Recensión del libro de John Reed, “Diez días que conmovieron al mundo”. In: Vigotski, L. S. **El desarrollo cultural del niño y otros textos inéditos**. Ed. G. Blank. Buenos Aires: Almagesto, 1988. p. 97-103. Entre chaves mantem-se a numeração das páginas na fonte, indicando sempre o texto subsequente. Por Achilles Delari Junior. Umuarama-PR, 13 de Janeiro de 2020. Disponível em: www.estimir.net/lsv_1923_res-reed.pdf

assinou um decreto, proferiu um discurso, deu uma ordem. Mas os acontecimentos têm lugar, a história se desenvolve – particularmente em tempos revolucionários – pela vontade* das massas, por aqueles que cumprem o decreto e escutam os discursos e os {98:} colocam em prática, aqueles que cumprem as ordens. O papel dos dirigentes não vai além de dar forma, de canalizar, de orientar a vontade heroica das massas em direção à sua meta.

A revolução não foi feita por Lenin e Trotski, mas pelos trabalhadores e os soldados, as classes baixas, populares e revolucionárias – é isto que diz cada linha do livro de Reed. Ele capta e mostra, sobretudo, o heroísmo; o anônimo, desconhecido, reservado heroísmo das massas.

Reed se interessava por tudo. Uma conversa com um taxista, uma assembleia de soldados, as reprovações de um proprietário de terras, a exclamação acidental de um motorista – não há um mínimo detalhe que Reed não retire do pó da história, que não coloque em seu correto lugar, de tal modo que começará a brilhar com a luz da verdade e seu significado, a luz do heroísmo.

Eis aqui uma simples cena, uma anedota da revolução. Vejam como ele a conta:

“Certo dia, ao aproximar-me do portão de Smoln⁶ [onde estavam reunidos dirigentes da revolução], vi Trotski e sua esposa bem à minha frente. Um sentinela os havia parado. Trotski buscava seu passe em seus bolsos, mas não conseguia encontrar.

– Não importa – disse finalmente –. Você me conhece. Meu nome é Trotski.

– Você não tem o passe – contestou o soldado, resoluto –. Não pode entrar. Para mim o nome não significa nada.

– Mas sim, eu sou o presidente do Soviét de Petrogrado.

– Bem – respondeu o soldado –, se você é um tipo tão importante, deve ter pelo menos uma papeleta... O soldado, finalmente, chamou com um movimento de cabeça ao cabo da guarda. Trotski lhe explicou a situação. “Meu nome é Trotski” – repetia.

– Trotski? – o cabo da guarda coçou a cabeça. Escutei esse nome em algum canto – disse finalmente. Creio que está tudo certo. Bem, entre, camarada” (Reed, 1977, p. 67-68)⁷

* Na fonte russa: “воля” [*vólia*]. Termo que, em psicologia, o mesmo autor relaciona com atos de “deliberação”, “decisão”, “escolha”. Aqui indica também “desejo”, “ímpeto”, “tenacidade”. Ver: Vigotski, L. S. (1923) 10 dnei, kotorie potiasli mir. In: **Poleskaia Pravda**. Nº 1081. p. 3.

Eis esta força e determinação do sentinela, que não estava ali para cumprir a ordem de alguém, nem sequer a do presidente de um soviét. E é uma pequena amostra deste grande heroísmo das massas que fizeram a revolução. E este soldado em comando não podia {99:} ignorar o que estava ocorrendo. Os soldados estavam ao lado do Smolni às vésperas da revolução, o país estava abertamente dividido em campos hostis. Tinha que saber por causa de que ele estava de guarda. Mas o ponto é o nome de Trotski significava menos que a consciência revolucionária do soldado. O soldado em comando havia escutado o nome em algum lugar. Tomemos esta outra cena. Imediatamente depois da revolução, Antonov e Dibenko, comissários do povo para a guerra e a marinha, partiam até o fronte revolucionário.

“Apenas chegaram à [avenida] Nevski e um pneu furou.

— Que vamos fazer? – perguntou Antonov.

— Requistemos outro veículo – disse Dibenko, girando seu revolver no ar. Antonov parou no meio da avenida e parou um veículo conduzido por um soldado.

— Necessito deste veículo – disse Antonov.

— Não o dou – respondeu o soldado.

— Você sabe quem eu sou? – e Antonov lhe mostrou um papel com sua nomeação de Comandante em Chefe de todos os exércitos da República Russa, que dizia que todos deviam obedecer-lhe sem questionamentos.

— Não me importa, ainda que fosse o próprio diabo – disse o soldado –. Este veículo pertence ao Primeiro Regimento de Metralhadoras e estamos transportando munição. Você não o pode deter” (Reed, 1977, p. 172)

No mecanismo geral da revolução – e há infinitas anedotas desse tipo – estas [situações] não ajudavam a acelerar a causa, mas não fosse por essa consciência indobrável, essa vontade de vencer*, essa determinação do soldado comum para defender seu próprio ponto de vista, não teria havido revolução nenhuma. O soldado não daria nem ao diabo o que pertencia ao Primeiro Regimento de Artilharia. A tarefa dos dirigentes era coordenar, fundir estes regimentos separados, mas a revolução funcionava de baixo para cima, desde o coração ao cérebro como o sangue no corpo, desde o soldado até o comandante em chefe, e não no sentido inverso.

* Na fonte russa: “этой воли к победе” [*etoi voli k pobede*] (Vigotski, 1923, p. 3). [Nota minha, ADJr]

{100:}

Tomemos este outro episódio – o terceiro e último. Trotski acaba de dar a ordem que levaria à vitória da revolução sobre as tropas de Kerenski, “a noite que entrou para a história”.

Voltando de Smolni, Reed se encontrou com uma multidão incomum na Praça Znamenskaia, frente à estação ferroviária Nikolai:

“Milhares de marinheiros haviam se encontrado ali brandindo seus rifles. De pé na escadaria um membro do Vikjel” (Comitê Executivo do Sindicato Ferroviário de toda Rússia), tentava persuadi-los:

– Camaradas, não podemos leva-los até Moscou. Nós somos neutros. Não transportamos tropas para nenhum dos lados. Não podemos levá-los até Moscou, onde há uma certa guerra civil terrível. ... Toda a praça enlouquecida, rugiu. Os marinheiros avançaram. De repente, se abriu outra porta e apareceram dois ou três condutores, um fonalheiro e alguém mais.

– Por aqui, camaradas! – gritaram. Vamos leva-los a Moscou ou até Vladivostok, onde queiram. Viva a revolução!” (Reed, 1977, p. 199)

E estes muitos milhões de condutores e fonalheiros levaram a revolução a Moscou, a Vladivostok e a outros lugares. E os gremistas burocratas permaneceram neutros: confusos e entristecidos, imediatamente perderam o controle dos acontecimentos.

E imagens de horrível confusão tragicômica da intelectualidade, do governo provisório [de Kerenski], os comitês, todas as “forças vivas do país”, todos aqueles que recentemente [desde fevereiro até fins de outubro] haviam conduzido a Rússia, se alternaram com imagens de heroísmo das massas.

No que concerne aos autênticos dirigentes da revolução – eles não eram muitos. Na assembleia de 23 de outubro [segundo o velho calendário]. Lenin e Trotski conclamavam pela insurreição,

“Então, se levantou um simples operário com a desfigurada de raiva:

– Eu falo em nome do proletariado de Petrogrado – disse {101:} aflito –. Estamos a favor da insurreição. Façam como queiram, mas

* Em russo: “ВИКЖЕЛЬ, Всероссийский исполнительный комитет железнодорожного профсоюза” [VIKJEL', Vserossiiskii ispolitel'nii komitet jelnodorojnogo profsoiuza]. [Nota minha, ADJr]

lhes digo que se vocês admitirem extinguir os soviets, então continuaremos sem vocês!

Vários soldados se uniram a ele. E depois de nova votação, ficou decidido pela insurreição”. (Reed, 1977, p. 59)

Alguns [dirigentes] que sempre haviam tido claro o significado destes eventos, tiveram horríveis momentos de dúvida. Durante uma escaramuça em Moscou, Lunatcharski escreveu uma carta anunciando que abandonava o Governo – “Eu não posso mais”. Um grupo de dirigentes renuncia ao SovNarKom*, outros ao Comitê Central do partido bolchevique. Lenin chama de desertores a seus mais próximos amigos e camaradas.

Mas também havia dirigentes genuínos que não eram umas meras etiquetas que levavam seus nomes aos grandes eventos tal como Tolstói concebia o papel das grandes personalidades na história.⁸ Eram o cérebro e consciência da revolução, que guiavam sua vontade espontânea*. Como cérebro, eles recebiam sangue do coração da revolução – as massas populares – e lhes devolviam pensamento. Disse Lenin:

“O dia 6 de novembro seria demasiado prematuro. Devemos contar com o apoio de toda Rússia para a insurreição e o no dia 6 não haviam chegado todos os delegados ao Congresso. Por outro lado, o dia 8 seria demasiado tarde: o Congresso já estaria organizado é muito difícil, para uma organização tão numerosa, tomar decisões rápidas e resolutas. Devemos atuar no dia 7, no dia em que o congresso é aberto, assim poderemos dizer-lhe: Eis o poder! Que farão com ele?”⁹ (Reed, 1977, p. 73)

Esse é o pensamento mais agudo da revolução, sua álgebra.

“Uma revolução feita com o relógio na mão: o dia 6 é muito cedo, o dia 8 é muito tarde, então o dia 7. Estas eram as fórmulas matemáticas nas quais estavam encerrados os elementos revolucionários. E este homem não pronunciou uma frase bela e impressionante, nenhuma frase de efeito, durante toda a revolução. Imediatamente depois da vitória, Lenin está na tribuna. {102;} Há ovações estrondosas.

* Em russo: “Совет народных комиссаров” [*Soviét narodnikh komissarov*] – “Conselho dos comissários do povo”. [Nota minha, ADJr]

* Na fonte russa: “которые руководили ее стихийной волей” [*kotorie rukovodili eió stikhiinoi vólei*] (Vigotski, 1923, p. 3) [Nota minha, ADJr]

Em um tom moderado diz: “Agora procederemos à construção da ordem socialista” (Ibidem)

E isso foi tudo. Como se passasse de um assunto rotineiro da revolução ao seguinte.

Quiçá o problema mais difícil da história seja a relação entre as massas e os heróis nos grandes eventos. O livro de Reed revela a verdade desse problema: um coração apaixonado envia sangue por todas as artérias da revolução, um cérebro incisivo que submete este sangue a um pensamento matematicamente exato. E por isso estes dez dias abalaram o mundo.

* * *

Notas*

1. Esta resenha do livro de Jonh Red, “**Ten days that shook the world**” foi publicada com o título “**10 dnei kotorie potriasli mir**”, no Poleskaia Pravda, n. 1081, em 23 de dezembro de 1923. A tradução do russo ao espanhol foi realizada por René van der Veer e Guillermo Blanck.
2. Em 1917, tiveram lugar duas revoluções sociais na Rússia com epicentro em Petrogrado (São Petersburgo). A primeira, relativamente espontânea, ocorreu aos fins de fevereiro. A segunda teve lugar em 24 de outubro, dirigida pelo Partido Comunista da Rússia [dos bolcheviques], liderado por Lenin, Trotski, Stalin, Bukharin e outros. É a essa segunda revolução, cujo objetivo foi construir a sociedade socialista, que Vigotski se refere. As datas estão dadas segundo o antigo calendário – treze dias atrasado com relação ao nosso – que deixou de reger a Rússia a partir da Revolução de Outubro. É por essa razão que seu aniversário sempre se celebrou em 7 de novembro. Em seu livro, John Reed dá todas as datas segundo o novo calendário: diz, por exemplo, “a Revolução de *Março*” e “a Revolução de *Novembro*”.
3. John Reed (EUA, 1887 – Moscou, 1920) foi um jornalista, escritor e militante político socialista que foi um herói de uma geração de intelectuais revolucionários dos EUA. Graduado na Universidade de Harvard em 1910, lutou na Revolução Mexicana em 1914 e escreveu uma reportagem sobre ela: “**México insurgente**”. Há edições argentinas. Fundou o Partido Comunista dos EUA, e dirigiu uma de suas facções, quando este se dissolveu em 1919. Sofreu prisões e {103:} perseguições. Cobriu a Primeira Guerra Mundial e se inseriu na Revolução Russa. Foi amigo de Lenin. Morreu de tifo aos 33 anos de idade. Foi o único estrangeiro enterrado ao lado do muro do Kremlin junto aos heróis da revolução. Recentemente*, houve certo conhecimento popular de John [“Jack”] Reed, quando se produziu um filme sobre sua vida

* Todas as notas que se seguem são dos editores da tradução para língua espanhola e expressam posições dos mesmos, pelas quais não sou responsável. Mas as mantenho para que os leitores em português façam sua própria avaliação e também por conterem conteúdos objetivos de caráter informativo, potencialmente úteis a todos. [Nota minha, ADJr]

* O filme “Reds” foi lançado em 1981, nos Estados Unidos, dirigido por Warren Beatty, com roteiro de Warren Beatty e Trevor Griffiths. [Nota minha, ADJr]

chamado “**Reds**” que, como todo filme, não deixa de ser um olhar com imprecisões históricas.

4. Nadejda K. Krúpskaia foi uma militante bolchevique e esposa de Lenin. Depois da morte de seu marido (1924), se dedicou aos problemas da educação, teóricos e práticos. Fez parte da direção do Comissariado do Povo para a Educação. Vigotski trabalhou com ela e tiveram relação amistosa. Sua filha nos disse pessoalmente que Krúpskaia chegava a telefonar para seu pai em seu domicílio (Vigotskaia, c.p. a Blank, Moscou, 1988). Vigotski a cita no artigo “**A transformação socialista do humano**”, publicado na coletânea: “**Vigotski, a genialidade e outros textos inéditos**” nesta mesma coleção.
5. Sem aspas no original.
6. O Instituto Smolni, foi, até a revolução, um colégio privado adjunto a um convento.
7. Reed, J. **Ten days that shook the world**. Penguin, 1977. Traduzimos as citações desta edição inglesa e não do russo da resenha de Vigotski. O livro traz um entusiasmado prefácio de meia página escrito por Lenin em 1919, ano em que se publicou pela primeira vez. Há várias edições argentinas deste livro. (N. de Van der Veer e Blank)**
8. Tolstói desenvolveu sua concepção de história em seu romance “Guerra e Paz”.
9. Releiam-se as notas 2 e 7. Nesta passagem se está usando o novo calendário.

** Subentende-se que as demais notas não sejam de ambos os tradutores, mas apenas de G. Blank – editor e tradutor. [Nota minha, ADJr]